

Apresentação

Lançado em versão comercial nos Anos 80, *Blade Runner*, o caçador de andróides (1982) é ainda um grande ícone da *science fiction*¹ que inspira reflexões sobre o pós-humano. Na versão pessoal de Ridley Scott lançada 10 anos depois, ao lado da tematização do pós-humano corporificado nos replicantes criados pela Tyrell Corporation, as cenas finais destacam as frágeis fronteiras da subjetividade e o caráter não-metafísico do sujeito, quando o espectador fica sob a suspeita de que o próprio caçador é um andróide. Por meio do confronto entre seres humanos e humanóides fabricados, a obra exhibe a densidade que caracteriza o conflito humanismo vs. pós-humanismo na modernidade tardia.

Ao se abrir o novo milênio, esta discussão prolongou-se e acentuou a crise do pensamento utópico em modalidades distópicas, heterotópicas e tecnotópicas, que deram origem a produtos culturais e artísticos voltados ao esgotamento das expectativas humanas e às alternativas pós-humanas. Na tentativa de reunir reflexões que ilustrem algumas tendências da ficção contemporânea, a ementa 35 da *Revista Gragoatá* faz um recorte em torno deste novo subgênero narrativo que problematiza a cultura humana na atualidade: as ficções do pós-humano. Ao se associar esta categoria às "Textualidades contemporâneas de ruína e resistência", pressupõem-se duas direções justapostas ou opostas: a visão distópica do mundo humano calcada numa subjetividade em ruína; e a resistência utópica implícita à crise. Para melhor compreender estes aspectos, o primeiro artigo da Revista, **Reflexões Sobre Literatura e Pós-humanismo**, de autoria das organizadoras, faz uma abordagem introdutória das principais conceituações do "pós-humano" e de suas relações com o desmantelamento de paradigmas e fronteiras entre o humano e os demais "reinos", buscando situar, ainda que provisoriamente, as novas textualidades e subjetividades que daí emergem.

Não foi diferente o teor dos trabalhos selecionados que atenderam à chamada editorial, postulando em geral um terreno ético de alta complexidade na discussão do tema. Em todos os textos há remissão frequente ao confronto entre dois corpos, ainda que não sejam raras as trocas e as contaminações. A partir daí e sem a pretensão de impor um protocolo de leitura, os textos estão agrupados segundo a relação estabelecida entre o corpo humano e o corpo *em-princípio*-não-humano, ressaltando-se no itálico a suspeita sobre a própria classificação aqui adotada.

Sob tal perspectiva, os ensaios se apresentam em quatro blocos: no primeiro – *Humano & Maquínico* – estão aqueles que põem em causa o homem e a técnica ou a tecnologia da civiliza-

¹ Cabe notar que o filme, uma adaptação do romance de Philip K. Dick, de 1968, *Do Andróides Dream of Electric Sheep?*, é hoje infinitamente mais popular que o romance de Dick.

ção moderna; no segundo, o binômio aparentemente antitético *Humano & Monstruoso* engloba as análises sobre criaturas estranhas segundo o conceito freudiano de *unheimlich*, seja o monstro, o animal, o zumbi, ou outras quaisquer; no bloco *Humano & Transumano* estão os trabalhos que ampliam uma dimensão eufórica ou disfórica para além do humano; e no último bloco – *Humano & Humano* – agrupam-se os ensaios sobre as velhas questões do humano, demasiado humano, com ênfase na questão ética. Em todas as situações as noções de oposição e alteridade estão certamente implícitas, instabilizando as fronteiras da subjetividade humana, marcada pelo medo *do* Outro e da subjugação *pelo* Outro.

Para abrir a discussão da relação *Humano & Maquínico*, o artigo **O humanismo de E. M. Forster em *The machine stops* (1909)** recupera um momento bem anterior aos dias atuais, quando o medo da desumanização do homem pautava as discussões sobre a ciência e a técnica modernas. Helvío Moraes analisa a relação distópica e utópica de Forster em relação ao mundo civilizado de sua época no conto “*The Machine Stops*” em que o autor, mais conhecido como crítico literário, mostra a degradação da sociedade, vítima da máquina e da ciência, quando a experiência e a natureza são desvalorizadas. O protagonista da narrativa, tal como agiu o próprio Forster, insurge-se em defesa de um humanismo utópico baseado numa especial e aristocrata “comunidade de sensíveis” formada por membros espalhados por todas as nações e classes que buscam uma “vitória permanente sobre a crueldade e o caos”.

Em **As Máquinas de Queneau: por uma poética do código**, Vinicius Carvalho Pereira estuda as máquinas-livros de Raymond Queneau, *Exercícios de estilo* (1947) e *Cent mille milliards de poèmes* (1961) que na 2ª metade do século XX discutiram a falácia da subjetividade ou da intenção autoral a partir da experiência matematicamente evidente da proliferação de sentidos que a própria linguagem comporta. Ao fazer o “desmonte” de uma entre milhões de engrenagens lingüísticas responsáveis por novos sentidos através de uma máquina-livro, Pereira torna evidente o engenho de Queneau ao evidenciar a autonomia significativa da linguagem em relação ao seu suposto arregimentador. Ao contrário das máquinas de poder que substituem ou dominam diretamente os homens, a máquina-livro põe a nu a subjetividade humana construída à imagem e semelhança do signo, em que se destaca a potência do corpo da linguagem na modelagem do corpo biológico.

Voltado para a análise das relações entre o homem e a máquina cibernética, o ensaio **História da leitura, hipertexto e utopia digital** coloca na balança as perdas e os ganhos da cultura digital, inclusive as relacionadas ao destino do literário. Para isso, Sérgio Luiz Prado Bellei retoma Platão (o mito de Teuth sobre a invenção da escrita) e o estudo de Georg P. Landow sobre o

hipertexto eletrônico e a teoria literária, a partir do qual discute a transferência de poder do autor tradicional para o leitor, lembrando Barthes e Derrida. Para aprofundar a questão, o ensaísta revê a crítica do paradigma feita por Rosenberg às celebrações da internet, mostrando que a liberdade apregoada pela nova tecnologia é radicalmente restrita em razão das dimensões geométricas do hipertexto ao subordinar o tempo ao espaço e ao instalar uma “geometria *logocêntrica* do tempo-espaço regrado” (grifo do articulista). Completando este viés, o ensaísta traz a contribuição da visão histórica da leitura, sob a condução de Chartier, que abriu caminho para uma compreensão do hipertexto para além de seus usos operacionais. O artigo percorre as práticas fragmentadas de ler que se iniciaram após a invenção da imprensa, refletindo sobre os aparelhos de “rodas da leitura”, as antologias, as enciclopédias e os *memex* – estes últimos bem semelhantes aos atuais *desktops* dos computadores. Por fim, associa a leitura de poesia à prática de leitura murmurada dos monges medievais, atentando para os perigos de uma celebração acrítica das novas tecnologias que fazem desaparecer práticas culturais, como a leitura reflexiva e vertical, marcada por liberdade de espaço e tempo.

Iniciando a discussão do binômio *Humano & Monstruoso*, o artigo **A face reconhecível do medo: domesticação e redenção do monstro animal em *O Exorcista***, Marcia Heloisa Amarante Gonçalves recupera o filme de 1973, baseado no best-seller homônimo de William Peter Blatty, sobre os quais realiza uma análise centrada na dissolução de fronteiras entre humanidade e bestialidade, vivida pela protagonista, que assume características animais geradoras de uma forma monstruosa, numa tematização do pós-humanismo própria às narrativas de horror da década de 70 até hoje. A expulsão do demônio híbrido, de traços humanos e animais, só é bem sucedida com a superação da aversão do padre exorcista à alteridade monstruosa ou animal, tornando o fenômeno passível de domesticação. Ao final da análise, depois de passar pelas interpretações falocêntricas que culpabilizam a mãe ausente pelo distúrbio da adolescente solitária, a articulista conclui que uma suposta ignorância e repúdio da interpenetração entre o humano e o não-humano pode ser a causadora dos desastres da subjetividade em desequilíbrio.

Depois de criaturas híbridas, vampiros e fantasmas, o zumbi constitui o mais recente exemplo arquetípico de monstro, tal como se lê em **(De)composições do corpo físico e social: a emergência do zumbi na ficção norte-americana contemporânea**, de Anderson Soares Gomes. Ao fazer a arqueologia e a caracterização da categoria zumbi, geralmente aplicada a mortos-vivos ou criaturas infectadas que ameaçam os vivos, o autor referencia obras exemplares, centrando-se em dois romances *Zone One* de Colson Whitehead (2011) e *Guerra Mundial Z: Uma História Oral da Guerra Zumbi*, de Max Brooks, com os quais vai tecendo considerações

sobre a função do monstro na sociedade capitalista. No livro de Whitehead, o corpo zumbi em decomposição e sua compulsão canibalesca são motivos para as mais diferentes incursões metafóricas ligadas ao contexto de produção, levando-se em conta que mais da metade das obras sobre zumbis foram produzidas após o 11 de setembro, o que permite associá-los aos terroristas e ao mundo pós-ideológico. Por terem muito em comum, vivos e mortos-vivos embaçam as fronteiras corporais e subjetivas de cada um, funcionando os zumbis como duplos nadificados dos homens ou o “nível-zero de humanidade”. No livro de Brooks, a ameaça zumbi serve para discutir a própria natureza da humanidade e a forma como os indivíduos reagem a uma catástrofe apocalíptica depois da ruína do mundo capitalista, injusto e explorador de homens-zumbis. Dessa forma, o zumbi se configura como um forte símbolo de mudança: não apenas de destruição, mas também de renovação.

O conflito homem X animal é retomado numa dimensão ritualística por Maria Edinara Leão Moreira no artigo **Escritas em erupção: a ruína da mulher, a ascensão da barata - a desconstrução identitária pela via do apagamento da identidade humana**, ao discutir o drama e a superação do humano na personagem de Clarice Lispector em *A paixão segundo GH*. Começa por uma análise da fase de des-humanização da personagem e prossegue sob a forma de uma leitura rente ao texto a partir da visão e do semi-esmagamento da barata. Neste encontro com o grande Outro, ela assiste às dúvidas, aos medos e impasses diante da desconstrução da humanidade de um eu que tem coragem de permitir a sua mutação a partir do Outro e que passa a experienciá-lo. Apesar de representar o “estranho”, tal como os zumbis de Brooks, a barata é a “matéria primordial” do homem, o “neutro” geralmente ignorado ou reprimido. Investida de barata, G. H. passa por muitas metamorfoses. Mas para isso a protagonista abandona a sua organização humana – “para entrar nessa coisa monstruosa que é a neutralidade viva”. A barata deixa de ser abjeção e, presa pelo meio do corpo, lembra a situação da mulher. Assim a mulher se vê na barata pelo avesso, como o seu espelho invertido, pois o que nela estava exposto era o que em si estava escondido ou ignorado. A articulista mostra o processo de despersonalização como a destituição do lado individual inútil, processo vivido de modo prazeroso que leva a personagem a querer encontrar em si a mulher de todas as mulheres. Ao se defrontar- com o inexpressivo, o ritual chega ao fim, quando só o silêncio importa, tal como se dá na arte e no corpo. Ao final do artigo, apesar do tom melancólico trazido pelo pensamento de Freud ao falar do mal estar da civilização, compreende-se o romance como um ritual de libertação.

A transição *Humano & Transumano* percorre dois trabalhos sobre a obra da escritora, crítica e militante canadense Margaret

Atwood. Sob uma perspectiva culturalista, o artigo **The disappearance of canada: Margaret Atwood's transnational turn and ustopianism** de Alberto Braz discute a passagem, entre os primeiros e os últimos livros da autora, da visão nacionalista a uma forma de pós-nacionalismo relacionada ao fim da humanidade. O articulista nota que se trata de ficção científica, embora ela use a expressão "ficção especulativa", pois os sinais da degradação (distopia) são detectáveis no presente, o que a leva a cunhar o termo "ustopia" como fusão de utopia e distopia. A utopia residiria na possibilidade de surgimento de uma nova raça humana, para substituir a atual, integrada à natureza. Após comentários sobre algumas opiniões, o texto acaba por concluir que Atwood deslizou para uma concepção que não deixa de brigar com a Atwood nacionalista.

Por sua vez, em **"God is a cluster of neurons": neo-post-humanism, theocide, theogony and anti-myths of origin in Margaret Atwood's *Oryx and Crake***, Eduardo Marks de Marques discute, num romance da segunda fase da autora – *Oryx and Crake* (2004) –, os paradoxos em torno da criação de uma raça pós-apocalíptica sob o impulso da crença em uma sociedade que una ciência e tecnologia, mas que inevitavelmente acaba por manter traços da humanidade falida. Perspectivas pós-humanistas convivem com soluções transhumanistas, deixando em aberto não só a narrativa mas ainda a classificação que se pode aplicar ao texto de Atwood: Utopia, Distopia, Ustopia?

Na investigação das relações entre gênero, técnica e ética que permeiam o *Humano & Humano*, Tatiana Pequeno aborda um romance de Eliane Brum para colocar o dedo na ferida da impossibilidade de amor absoluto entre dois seres tão próximos e amantes, como mãe e filha, analisando o angustiante tema que se desenrola na fímbria da morte entre criaturas humanas. Em **A brutalização da escrita: perecimento e precariedade em *Uma duas*, de Eliane Brum**, a articulista desvela a transposição para o ambiente doméstico da des-humanidade que até então permanecia cinicamente enclausurada na brancura do espaço hospitalar. A ficção pós-humana levanta os véus do humanismo cruel com que as subjetividades judaico-cristãs vestiam os corpos ascéticos da burguesia vitoriosa. Tatiana mostra como o texto de Brum expõe, sem hipocrisia, aquilo que por alguns séculos foi jogado para debaixo do tapete: nossa animalidade, nossa crueldade, nossa maldade, nossa abjeção intrínseca. No entanto, a ficção faz frente ao real e parece oferecer às personagens e ao leitor, como de hábito, o reduto salvífico da escrita.

A questão da alteridade é trabalhada no artigo **A hospitalidade na literatura: uma análise de "O convívio", de João Gilberto Noll** dentro dos dispositivos agambianos segundo os quais a subjetividade é produzida e disciplinada na relação entre seres humanos. O texto destaca a des-humanidade relacional,

não entre filha e mãe idosa, mas entre adultos (narradora e tutores) e os seres que teriam “perdido o fio de sua meada”, como crianças sem rumo. Na análise do conto de Noll, Maria Zilda Ferreira Cury e Gleidston Alis desvelam a imensa barbárie ou desumanidade que norteiam o processo civilizatório imposto aos corpos ao mesmo tempo em que mostram a paradoxal violência do processo civilizatório, tal como formaliza o conceito derridiano de hospitalidade. No entanto, se a “educação” é inevitável para o “convívio”, a massificação ou clichêização são nocivas e podem ser substituídas por outras práticas. Diante do insucesso, é este o caminho de transformação da tutora diante da resistência saudável de seu pupilo, configurando-se uma convivência sem reciprocidade (também conhecida como amizade) traduzida por uma comunhão no corpo, rarefeita na realidade, mas possível nos sonhos e na literatura.

Os dois penúltimos artigos apresentam uma feição polêmica, mais opinativa do que descritiva. Em **Lobo Antunes: do naturalismo ao pós-humanismo**, Ermelinda Maria Araújo Ferreira analisa e discute a perplexidade humana diante de corpos humanos “malformados”, vistos em espetáculos circenses como estranhos, exóticos, bizarros, enfim, *queer*, ao qual agrega a personagem “travesti” do romance *Que fazer quando tudo arde?* de Lobo Antunes, que zomba da questão identitária em diversas instâncias. Ao lado desta figura híbrida no plano do enredo, a narrativa em si é, na opinião da articulista, uma manifestação *queer* do gênero romance, uma verdadeira “Rainha da Noite” que “escrachada e sarcástica no palco de seu circo de horrores, desfila sua ornamental fantasia burlesca, fingindo ser o que não é”, maneira quixotesca de Lobo Antunes para criticar os regimes de produção, reprodução e legitimação da arte na pós-modernidade.

Em **A barbárie da ignorância e a ética da vigilância crítica na cultura pós-moderna e a ficção de Mário de Carvalho**, José Cândido de Oliveira Martins polemiza sobre a dependência da arte e da literatura em relação à cultura tecnológica de cada época, discutindo os valores da cultura pós-moderna. Se hoje há uma extensa crise que põe em risco o humanismo e seus valores antropocêntricos, não há como desconhecer a crise de igual magnitude que no início da modernidade diluiu progressivamente os valores teocêntricos da alma. Se a barbárie é ameaça constante e sempre busca prevalecer, hoje e no passado, cabe-nos manter a crença de que os grupos humanos possam oferecer soluções parciais antes do apocalipse total, imagem milenarmente profetizada pelo ser humano. Aos artistas e intelectuais caberia agora mostrar como pensar, sem dizer o que pensar. Pela escrita é que se pode ensinar a pensar pois, sem escrita, a leitura será esquecida e com ela toda a tradição armazenada nas bibliotecas.

Por fim, afastando-se do viés ético em torno da utopia vs. distopia, o artigo de Norma Discini concebe a foria (euforia vs.

disforia) no próprio da linguagem como ela que move o sujeito na sua relação de afeto com o objeto-mundo-percebido. Em as **Fronteiras móveis na definição do corpo**, a autora realiza a análise de uma narrativa de Mario de Andrade com as ferramentas da semiótica greimasiana, a partir das propriedades da enunciação e do enunciado que separam o sujeito “involuntariamente, senão de si mesmo, pelo menos de seu ‘produto’ – de seu próprio discurso” (LANDOWSKI). O texto trabalha a noção de “sujeito-no-mundo” pela qual “um sujeito afetado pelo mundo, isto é, um sujeito da percepção toma corpo, justamente por meio do borrão entre os limites das temporalidades discursivas.” Num jogo de preenchimento dos “vazios” da história com explicações, comandado por “um sensível que rege o inteligível”, dá-se no discurso a liberação da *mimese* e a instalação da *poiese*. Em síntese, é um trabalho que observa o discurso da arte com as lentes de aumento da semiótica, evidenciando as potencialidades do literário em meio às preplexidades do Humano e do Pós-Humano.

Na seção de Resenhas, Eurídice Figueiredo apresenta a coletânea *L’Atlantique comme pont: L’Europe et l’espace lusophone (XVI^o-XX^o siècles)*, organizada por Vanda Anastácio, Saulo Neiva e Gilda Santos, destacando o Atlântico, não como separação, mas como possibilidade de encontro e mediação entre continentes. Na obra resenhada o leitor encontrará artigos sobre personalidades do século XVI, mas também textos mais gerais sobre o papel das mulheres neste trânsito, sobre diferenças entre o Barroco brasileiro (arte da conquista) e o europeu (afirmação do “eu” do artista), sobre o teatro e a ópera lusobrasileira, ambos dependentes do modelo italiano. Outros artigos da coletânea focalizam intelectuais ilustres dos séculos XVIII e XIX, inclusive o francês Ferdinand Denis que, segundo Antonio Candido, foi responsável pelo persistente exotismo dos brasileiros sobre si mesmos. Outros trabalhos focalizam o século XX, como os artigos sobre o papel desempenhado pela revista *Atlântida* e pelo jornal *Portugal Democrático*, sobre Fernando Pessoa e sobre a artista plástica brasileira Adriana Varejão. O volume é fruto da colaboração de três grupos de pesquisa ligados a instituições do Brasil, de Portugal e da França e tem a colaboração de eminentes críticos desses países.

A segunda resenha, de Eloína Prati dos Santos, focaliza o livro *A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas: Brasil, Argentina, Quebec*, em que a autora, Rita Olivieri Godet, da Université Rennes 2, discute aspectos transculturais, entre e dentro das nações, principalmente as continentais como nossas Américas, o comparativismo interamericano pós-colonial e o ressurgimento dos protagonistas ameríndios em obras literárias. Analisa as representações da alteridade nesta literatura que reconfigura na contemporaneidade o homem nativo da América, esse “estranho estrangeiro de dentro” nativo há milênios e sobrevivente após 500 anos de desumanização. A autora faz uso

da teoria crítica pós-moderna e pós-colonial para tratar do *corpus* em uma proposta comparativa triangular. Depois da Introdução, que trata da história da representação ameríndia na literatura de cada um dos países – Brasil, Argentina e Canadá quebequense –, seguem-se capítulos especiais, como o dedicado a obras de Robert Lalonde, em virtude da relevância das questões relacionadas aos contatos interculturais entre ameríndios e brancos. Os três últimos capítulos analisam obras dos autores brasileiros Murilo Carvalho, Antonio Torres e Milton Hatoun.

Sob a expectativa de que a leitura deste número 35 enriqueça o acervo de referências da comunidade acadêmica alcançada pela *Revista Gragoatá* e contribua, em especial, para o desvendamento de alguns caminhos da ficção pós-humana, celebramos a publicação dos trabalhos aqui reunidos, invocando a barthesiana “convicção profunda e constante de que nunca será possível libertar a leitura se, com um mesmo movimento, não libertarmos a escritura.”²

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira (UFF/UAB)

Sonia Torres (UFF/CNPq)

Organizadoras

² BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 40.